

## Um Olhar da Hist3ria da Educa3o no Educar Medievo: um Di3logo, um Manual e uma Imagem

Profa. Dra. Terezinha Oliveira  
(DFE/PPE/UEM - teleoliv@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo 3 analisar, por meio de duas fontes, um *Di3logo* de Alcuino e o *Manual* de Dhuoda, como os homens, no s3culo IX, pensavam a educa3o e representavam suas rela33es sociais por meio da religi3o crist3. Nesse sentido, destacamos, de in3cio, que analisaremos nossas fontes da perspectiva da Hist3ria e da Hist3ria da Educa3o. Estamos conscientes de que retomar preceitos educativos de outras 3pocas 3 um processo bastante complexo, especialmente quando os mesmos se encontram amalgamados a pr3ticas religiosas. Assim, ao inv3s de se levar em conta que 3 por meio da religi3o que os homens da Idade M3dia pensam as suas quest3es, procura-se fazer uma “den3ncia” anacr3nica de que se tratava simplesmente de uma imposi3o da ideologia religiosas. Al3m disso, de um modo geral, as quest3es educativas que mais atraem a aten3o dos estudiosos da Hist3ria e da Hist3ria da Educa3o s3o as do presente. Na maioria das vezes, elas remetem a acontecimentos particulares e verticalizados, posto que, naturalmente, s3o aqueles com os quais defrontamos em nossos afazeres di3rios do ensino. Contudo, se consideramos o presente pelo olhar da hist3ria e levamos em conta quanto de passado ele preserva, perceberemos a import3ncia do estudo do passado e, neste caso, especialmente da Hist3ria da Educa3o Medieval e da Religi3o Crist3.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hist3ria da Educa3o Medieval; Dhuoda; Alcuino, Religi3o Crist3.

### A look of the History of Education on the medieval educational practice: a dialogue and a manual

**ABSTRACT.** Based on two sources, that is, *Alcuino's dialogue* and *Dhuoda's manual*, this article aims at analyzing how humans from the 9th century used to think on education and represented their social relationships through the Christian religion. In this sense, such sources will be analyzed from the perspective of both, History and History of Education. We are conscious that retaking educative precepts from other periods is a very complex process, especially when they are connected to religion practices. Thus, instead of considering that it was through religion that the Median Age humans used to think about their issues, we should do an anachronic ‘denunciation’: in fact, their thoughts were imposed by the religious ideology. In addition, in general, the current educative issues are the ones that most attract the attention of those who study History and History of Education. They are mainly related to private and upright occurrences, since such occurrences are certainly the ones that we face during our daily tasks when teaching. However, if we consider the present time, based on the look of the history, and think that the present is significantly linked to the past, we will notice the relevance of studying past events and, thus, especially both, the History of Medieval Education and the Christian Religion.

**Key-words:** History of the Medieval Education; Dhuoda; Alcuino; Christian Religion.

O objetivo deste texto 3 analisar, por meio de tr3s fontes distintas (um manual, um di3logo e uma imagem), como os homens, no final do s3culo VIII e s3culo IX, pensavam a educa3o e representavam suas rela33es sociais. Nesse sentido, destacamos, de in3cio, que analisaremos nossas fontes a partir do olhar da Hist3ria e da Hist3ria da Educa3o. Temos consci3ncia que retomar pr3ticas educativas de outras 3pocas 3 um processo bastante complexo. Com efeito, em geral, os fen3menos educativos que mais atraem a aten3o dos estudiosos da Hist3ria da Educa3o s3o as quest3es do presente, aquelas que remetem, na maioria das vezes, a acontecimentos particulares e verticalizados, posto que, naturalmente, s3o com esses que nos defrontamos em nossos afazeres di3rios do ensino<sup>1</sup>. Desse modo, tratar da educa3o de

---

<sup>1</sup> Destaque-se que nossa observa3o n3o incide nenhuma cr3tica 3s pesquisas voltadas para quest3es cotidianas. Ao contr3rio, compactuamos com Marc Bloch quando o mesmo destaca que o que devemos fazer 3 preservar a hist3ria. “Vamos preservar-lhes aqui, ao contr3rio sua signific3o mais ampla. O que n3o profbe, antecipadamente, nenhuma orienta3o de pesquisa, deva ela voltar-se de prefer3ncia para o

um outro tempo, bastante distante do nosso, pode parecer algo deslocado das questões e problemas do cotidiano. Contudo, se consideramos o presente pelo olhar da história e percebermos o quanto do passado ele preserva, apreenderemos o quão útil é para o ofício de historiador da educação o estudo do passado. Essa questão que ora apresentamos a respeito da importância da história, do passado, foi feita por outros autores, alguns muitos séculos atrás. É o caso de Políbios (200-120 a. C.), que já alertava para a importância da história para a educação.

Se os historiadores anteriores a mim tivessem sido omissos no elogio da História, talvez, me fosse necessário recomendar a todos os leitores a preferência para seu estudo e uma acolhida favorável aos tratados como este, pois nenhum outro corretivo é mais eficaz para os homens que o conhecimento do passado. Entretanto, não somente alguns, mas todos os historiadores, [...] procuraram convencer-nos de que a educação e o exercício mais sadios para uma vida ativa estão no estudo da história, e que o mais seguro e a realidade o único método de aprender a suportar altivamente as vicissitudes da sorte é recordar as calamidades alheias (POLÍBIOS, 1985, p. 41. Grifo nosso).

Do ponto de vista de Políbios, o passado é um grande corretivo para os homens do presente e a história é a mestra para nossas angústias cotidianas porque podemos lembrar dos acontecimentos de outras épocas históricas. E, se não podem nos servir de exemplos, ao menos são úteis para mostrar que outros homens sofreram vicissitudes como nós.

É, pois, com este olhar ou esta perspectiva que retomamos a história da educação em fins do século VIII e no século IX no Ocidente, mais precisamente no seio do Império Carolíngio, para acompanhar algumas pistas dos problemas que os homens daquele tempo enfrentaram e os caminhos que apontaram para as suas práticas educativas.

Em primeiro lugar, explicitemos a época em que nossas fontes vieram à luz e o que representavam. O texto intitulado *Diálogo de Pepino e Alcuíno* foi escrito por Alcuíno (735-804) em fins do século VIII, ainda sob o governo de Carlos Magno. O manual de *Educação cristã de meu filho*<sup>2</sup>, de Dhuoda (c.803-843), foi redigido na primeira metade do século IX, sob governo de Carlos, o Calvo, neto de Carlos Magno, por uma mãe nobre. A imagem de Lotário, neto de Carlos Magno e irmão de Carlos, o Calvo, também rei dos carolíngios, encontra-se em um Cofre-relicário de Carlos Magno de 1200. Embora esta imagem seja posterior ao século IX, ela retrata o rei Lotário e esta imagem, juntamente com a de Oto III (século X)<sup>3</sup>, tornaram-se modelos de imagens de rei que foram reproduzidas para posteridade, seguramente até meados do século XIV.

O reinado carolíngio<sup>4</sup> foi um dos períodos mais importantes para a história do medievo. Na época em que Carlos Magno governou o império (regiões que

---

indivíduo ou para a sociedade, para a descrição das crises momentâneas ou a busca dos elementos mais duradouros; o que também não encerra em si mesmo nenhum credo; [...]” (BLOCH, 2001, p. 51).

<sup>2</sup> Informamos que a partir deste momento, todas as vezes que remetermos a obra de Dhuoda a referiremos como *Manual*, pois é a forma como ela é mais conhecida.

<sup>3</sup> A imagem de Oto III não será analisada neste texto, mas é tão fundamental para história do Ocidente medievo como a de Lotário. Informações sobre ela encontram-se em DUBY, 1997, p. 192.

<sup>4</sup> Segundo Favier (2004), Carlos Magno foi rei dos Francos de 771-814, rei dos Lombardos a partir de 774. e também, o primeiro Imperador do Sacro Império Romano, coroado no natal de 800. Embora saibamos que o período carolíngio foi designado primeiramente como reino e depois como Império, usaremos sempre as duas expressões reino e império, não para confundir os leitores, mas porque nossa intenção é designar o governo desta dinastia no século IX e não a sua especificidade.

compreendem hoje a atual França, Itália e Alemanha, conforme mapa abaixo), o Ocidente viveu um período de grande renascimento cultural. Este governante se empenhou bastante para construir uma unidade política, geográfica, de língua e de religião. Sua grande intenção foi recriar um império nos moldes do império romano, pois o modelo romano era o exemplo a ser seguido. Carlos Magno trouxe para seu reino, para tornarem-se mestres de sua corte, grandes intelectuais de outras regiões do Ocidente. O mestre Alcuino de York foi um de seus maiores mentores. Além de ser seu mestre e de seus filhos, foi o grande influenciador teórico das reformas carolíngias, dentre elas as que se dirigiam à Igreja e à educação. Mais adiante discutiremos uma das aulas de Alcuino ministrada sob a forma de diálogo.



Mapa 1

Enquanto esteve à frente de seu reino, Carlos Magno conseguiu manter seu poder em relação aos demais impérios e, especialmente, conservou o poder laico em condições de igualdade em relação ao poder papal. Essa condição de igualdade entre os dois poderes foi fundamental por permitir uma laicização, ainda que tênue, da sociedade. Este governante sempre buscou junto ao seu mestre a sabedoria necessária para governar seus súditos. Em um diálogo entre Carlos Magno e Alcuino o primeiro pede ao mestre que explique o sentido da retórica e o prepare para o bom uso dela, pois o governante tem consciência necessitar desta arte para o bom governo do seu reino.

[3] C. Onde encontra a retórica sua denominação?

A. Apo tu retoreuein, deste verbo grego que significa falar em público.

C. Qual é sua finalidade?

A. Ela tem por fim a ciência de bem dizer.

C. Versa sobre que assunto?

A. Sobre questões civis relacionadas á instrução que podem ser concebidas pela força natural do engenho. Pois, como é natural que cada um se proteja e fira o adversário, mesmo que não tenha aprendido o manejo das armas e a disciplina corporal, [...]. Mas, com mais proveito e mais prontamente faz uso da palavra quem se instrui e se exercita nesse mister; pois a fala é natural a todos, contudo muito mais se avanta sobre os demais quem fala seguindo as normas gramaticais.

C. Dizes bem, mestre, também toda a nossa vida progride graças à disciplina e adquire vigor pelo exercício. Expõe-nos, então, as regras dessa disciplina retórica; a necessidade de nossas ocupações cotidianas nos obriga ao exercício dessas regras. Dize-nos primeiramente quantas são as partes desta arte.

[4] A. São cinco as partes da retórica: invenção, disposição, elocução, memória, declamação (discurso). [...] Em primeiro lugar requer-se,

então, encontrar o que se vai dizer, em seguida que dispor o que foi encontrado, depois que explicar com palavras pela ordem do assunto, em quarto lugar que compreender na memória o que foi encontrado, organizado e elaborado em linguagem, por fim, como coroamento, proferir aquilo que a memória retém (ALCUÍNO, *Disputatio entre Alcuino e Carlos ...* 3 -4. Grifo nosso).

Alcuíno mostra que um governante deve ter o domínio da retórica porque ela lhe permite que se dirija sempre aos seus súditos de forma que os mesmos entendam os seus propósitos. O mestre explicita a Carlos que a arte da retórica não é uma habilidade natural. Ao contrário, deve ser aprendida por aquele que busca se manter no poder. Para ser um bom orador, o governante deve desenvolver, segundo o mestre, alguns aspectos necessários a um bom discurso. Dentre eles destaca cinco, como posto na citação, que a seu ver permitem o uso positivo da retórica. Cada uma das cinco partes deve ser aprendida pelo dirigente para que o mesmo saiba fazer uso adequado da palavra, conhecer de antemão o assunto sobre o que versará o discurso, sistematizar as idéias antes de proferi-las, memorizar a questão que será discutida. Em suma, a retórica é uma arte que precisa ser ensinada e aprendida. Desse modo, Carlos Magno tem consciência que para falar ao seu povo precisa antes aprender a arte do discurso. Essa inquietação do imperador permite-nos conhecer um pouco de suas preocupações em relação ao seu governo. Não pensa que pode governar sem estar preparado para este cargo. Embora reconhecido como um grande líder, ele tem consciência que somente isso não é suficiente. Um governante precisa estar atento às condições que o tornam um bom governante. Essa preocupação em relação à sua formação, Carlos Magno estende aos seus filhos e ao próprio povo. Isso fica explicitado na *ADMONITIO GENERALIS*<sup>5</sup>.

Ao apresentarmos esse diálogo entre Carlos Magno e Alcuino tivemos a intenção de ilustrar a preocupação deste governante em relação ao saber e, portanto, poder dispor deste conhecimento para melhor governar. Não é gratuito, pois, que o seu governo tenha ficado conhecido na história (Guizot, 1907; Le Goff, 2005; Favier, 2004) como aquele que realizou o primeiro renascimento cultural que o medievo conheceu.

Esse propósito de Carlos Magno em voltar-se para o saber e para a cultura fica claro ao buscar intelectuais para serem mestres em seu palácio. Todavia, fica mais evidente quando acompanhamos uma das ‘aulas’ de Alcuino a Pepino, filho de Carlos. Ele deve conhecer não somente os elementos da religião, da natureza, mas também aprender as funções dos sentidos humanos para compreender o que, de fato, seja um homem. Trata-se de um recurso pedagógico muito apropriado àquela época, pois o mestre recorre às adivinhas para ensinar o jovem Pepino. Segundo Lauand, na “Primeira Idade Média [...] as adivinhas tinham, além do caráter jocoso, uma função pedagógica: aguçar a inteligência dos jovens. As duas coisas andavam juntas: deve-se ensinar divertindo, diz Alcuíno a Carlos Magno” (LAUAND, 1976, p. 73).

Observemos mais de perto, por meio do próprio diálogo ou disputa como era essa prática pedagógica<sup>6</sup>.

P.: O que é a escrita?

A.: O guarda da história.

P.: O que é a palavra?

---

<sup>5</sup> Na *ADMONITIO GENERALIS*. *Monvmenta Germanie Historica*. Capitularia Regvm Francorum. Hannoverae, 1883, p. 52-62. In: VITORETTI, R.

<sup>6</sup> Cumpre destacar que utilizaremos, neste texto, a tradução do *Diálogo ....* feita por Jean Lauand em 1986.

A.: A delatora dos segredos da alma. [...]  
P.: O que é a vida?  
A.: A alegria dos ditosos, aflição dos miseráveis, espera da morte.  
P.: O que é a morte?  
A.: Um fato inevitável, uma incerta peregrinação, lágrimas dos vivos, confirmação dos testamentos, ladrão do homem (ALCUINO, 1986, p. 76)

Ao perguntar ao mestre o que é a escrita e o que é a palavra, Pepino demonstra uma inquietação muito grande sobre a natureza humana. Afinal, é a escrita que preserva a memória dos tempos passados e somente o homem pode escrever e falar. Aliás, as questões da escrita e da linguagem são preocupações comuns aos mestres medievais. Agostinho, por exemplo, inicia seu *De Magistro*, no diálogo com Adeodato, indagando se a palavra ensina. “Agostinho: Que te parece que pretendemos fazer quando falamos? Adeodato: Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender” (AGOSTINHO, *De Magistro*, cap. 1, § 1). Isidoro de Sevilha (c.560-636), nas *Etimologias*, busca entender e explicar o sentido próprio e primeiro das palavras. Com efeito, ao indagar sobre a escrita e a fala, Pepino e Alcuino mantêm a tradição da Alta Idade Média de buscar entender o que sejam estas duas atividades específicas do homem, pois, ao entendê-las, chega-se mais próximo da compreensão do que seja ser pessoa.

Ao buscar entender o que é o ar, a vida e a morte, Pepino volta-se para questões da natureza. Indagar acerca dela implica em uma razoável capacidade de abstração. Mais, é voltar-se para entender como se processa a natureza, como é o ciclo da vida. Indagado acerca da morte, Alcuino responde de modo pertinente e direto: um fato inevitável, ou seja, tudo que nasce, morre. Trata-se, portanto, de uma lei natural. Ainda dentro destas questões da natureza, é preciso considerar que o mestre conhecia, certamente, as discussões pré-socráticas acerca da importância dos quatro elementos da natureza na constituição do universo, ou seja, o ar, a água, o fogo e a terra. Não podemos afiançar que o mestre carolíngio tenha lido os primeiros cientistas da natureza, mas, indubitavelmente, ele conhecia o debate. Isso fica explícito ao ensinar Pepino a função do sol, da lua, do orvalho, da chuva. Alcuino ensina a seu discípulo como entender e compreender a natureza.

Ao seguirmos o diálogo chegamos à pergunta que mais nos interessa na disputa o que é o homem:

15 P.: Que é o homem?  
A.: Servo da morte, caminhante passageiro, sempre um hóspede em qualquer lugar. [...]  
P.: Qual a condição humana?  
20 A.: A de uma candeia ao vento.  
P.: Como está ele situado?  
A.: Dentro de seis paredes.  
P.: Quais?  
A.: Acima, abaixo; diante, detrás; direita e esquerda.

O que é o homem? Eis o ser que em fins do século VIII e início do IX os príncipes precisavam compreender. A definição de homem de Alcuino revela a percepção que os medievos de então tinham acerca do que era o ser humano. O homem é um ser que está sujeito à morte, logo é seu servo. Pode mudar-se constantemente, circular, seu destino não está definido *a priori*, é um caminhante em qualquer lugar. Ao tratar da condição humana, o mestre ensina ao seu discípulo noções de espaço. O homem não é um ser que se encontra solto no espaço, ele até

pode vagar sem rumo, mas está inserido em um *locus* cercado por espaços específicos. Está fixado em paredes abstratas, mas que indicam sempre sua posição. Precisa por isso conhecer sua lateralidade, sua condição neste espaço, ao que Alcuino chama de paredes invisíveis.

Ainda dentro desta perspectiva de entender o que são a natureza e o homem nos deparamos em um dado momento da disputa com uma excelente ‘aula’ de anatomia do corpo humano. Vamos analisar esta parte do ensino considerando dois aspectos. Primeiro, ainda que Alcuino esteja se referindo aos órgãos humanos, ele consegue juntar o ensino abstrato e concreto. Segundo, trata de maneira específica das funções de cada órgão.

- P.: O que é a cabeça?  
A.: O cimo do corpo. [...]  
P.: O que é o cérebro?  
A.: O conservador da memória.  
P.: O que são os olhos?  
A.: Os guias do corpo, recipientes de luz, indicadores da alma. [...]  
P.: O que é a fisionomia?  
50 A.: A imagem da alma (ALCUINO, 1986, p. 80-81).

A cabeça é o grande órgão dos homens. Dela derivam todas as demais ações. Nela localiza-se o cérebro, guardião da memória. A cabeça é o eixo de toda a vida. Lauand (2000), ao traduzir o debate de Tomás de Aquino sobre *Os Sete Pecados Capitais*, no século XIII, faz considerações bastante apropriadas sobre a importância da cabeça no direcionamento da vida dos homens. Segundo ele, a cabeça é o caput de todas as demais decisões humanas. Aliás, capital dos sete pecados capitais deriva do fato de que estes são as cabeças de todos os demais pecados praticados pelos homens. Embora estas reflexões de Tomás de Aquino tenham sido realizadas quatro a cinco séculos mais tarde em relação a época do nosso debate, nos mostra que a questão da importância da cabeça como órgão central da vida dos homens permanece como eixo das considerações entre os intelectuais medievais.

Na passagem a seguir Alcuino e Pepino continuam a tratar dos órgãos humanos, mas passam a analisar e descrever a função fisiológica de cada um deles.

- P.: O que é a boca?  
A.: A alimentadora do corpo. [...]  
P.: O que são as mãos?  
60 A.: Os operários do corpo. [...]  
P.: O que é o pulmão?  
A.: Depósito de ar. [...]  
P.: O que é o estômago?  
A.: O cozinheiro dos alimentos.  
75 P.: O que é o ventre?  
A.: O guarda das coisas frágeis.  
P.: O que são os ossos?  
A.: A fortaleza do corpo. [...]  
85 P.: O que é o sangue?  
A.: Humor das veias, alimento da vida.  
P.: O que são as veias?  
A.: As fontes da carne (ALCUINO, 1986, p. 81-82).

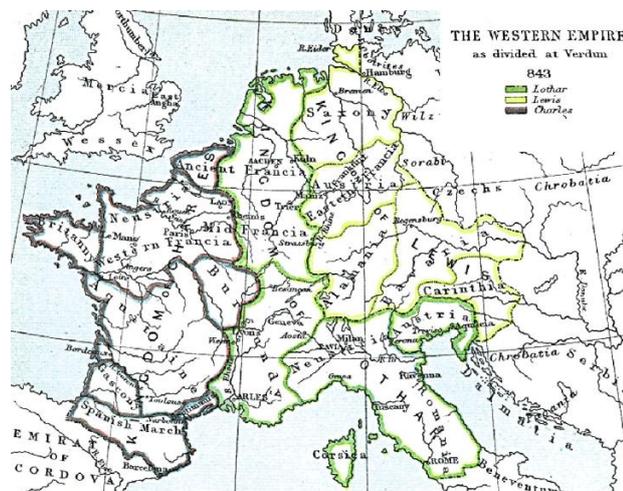
No *Diálogo*, Alcuino descreve para Pepino as funções dos órgãos do corpo e a importância do bom funcionamento de cada um para o todo. Evidentemente que se

considerarmos este diálogo a partir do nosso conhecimento atual, ele perde sua grandeza. Contudo, se levarmos em conta que estamos no final do século VIII e início do IX e saber que os homens de então conheciam, com propriedade, não só os nossos órgãos, mas sua importância, isso revela que tinham contato estreito com os saberes antigos, que os preservavam e os divulgavam entre seus discípulos. Além disso, mostra que o homem precisava conhecer seu corpo interna e externamente; mais, esse conhecimento era objeto das práticas de ensino.

Se no *Diálogo* encontramos o ensino abarcando aspectos da natureza, da anatomia, da consciência dos homens, em Dhuoda, no *Manual*, a prática educativa desta mãe nobre tem um outro caráter. Mas, em linhas gerais, procura alcançar os mesmos objetivos pretendidos pelo *Diálogo*, isto é, preparar seu primogênito para viver em sociedade e, especialmente, na corte. À primeira vista, o *Manual* pode parecer somente uma exortação para a salvação da alma de Guilherme, aliás Dhuoda encerra a obra inclusive destacando este caráter do livro.

Desde la primera línea de este pequeño libro, hasta la última sílaba del mismo, reconoce que todo ha sido escrito para tu salvación. [...] Los versos que hay arriba, en medio y abajo, yo misma los he dictado para [provecho] de tu alma y cuerpo. Y no me canso de advertirse que los recites y los guardes en el corazón (DHUODA, 1995, p. 169. Grifo nosso).

Todavía, se atentarmos à suas palavras veremos que se preocupa tanto com a salvação da alma como da do corpo. Destacamos que no período vivido por Dhuoda e seus familiares, embora distante poucas décadas da época de Alcuino, a realidade política do Império Carolíngio havia se modificado bastante. Com a morte de Carlos Magno, seu filho Luís, o Piedoso (778-840), assume o poder. Luis, o Piedoso, imprime aos francos uma forma de governar distinta da de seu pai, especialmente quanto à Igreja. Enquanto Carlos Magno procurou governar em condições de igualdade com o papado, promovendo reformas nos âmbitos civil e religioso, especialmente no campo da educação, seu filho torna-se bastante submisso à Igreja (VITORETTI, 2004). Luis abandona o seu povo e cuida apenas dos interesses da Igreja, provocando na aristocracia carolíngia um significativo descontentamento (GUIZOT, 1907). Quando, em 817, resolve dividir o Império entre os três filhos – Lotário, Luis II, o Germânico e Pepino I - do primeiro casamento, Carlos Magno esperava manter o território carolíngio unido (FAVIER, 2004). Entretanto, Pepino I morre muito jovem e Luis, o Piedoso, doa a Carlos, o Calvo, filho de seu segundo casamento, a região da Aquitânia (ver mapa abaixo sobre divisão do Império).



Mapa 2

Essa nova partilha do Império Carolíngio provoca uma guerra entre os irmãos e desemboca na batalha de Fontaney em 842. Luís e Carlos se unem para combater Lotário, provocando uma profunda cisão no interior do Império a ponto de levar os nobres a negarem seu apoio a qualquer um dos reis. Como a situação tornara-se insustentável, Luís II e Carlos, o Calvo, fazem um juramento de se manterem unidos e combaterem juntos a Lotário. Este ato ficou conhecido como Juramento de Estrasburgo, em 842.

Pelo amor de Deus e pela salvação [Mapa 2](#) povo cristão e nossa, de hoje em diante, enquanto Deus me der saber e poder, assim hei de prestar assistência a este meu irmão Carlos com a ajuda e em toda coisa, como de direito se deve auxiliar ao próprio irmão, com a condição que ele faça outrotanto por mim, e não concluirei nunca com Lotário entendimento algum que, quanto de mim depender, possa ser prejudicial a este meu irmão Carlos (JURAMENTOS DE ESTRASBURGO, 1991, p. 37).

Após o juramento de Luís II, Carlos, o Calvo, repete as mesmas palavras. Ambos os reis buscavam retomar paz no território dos francos para com isso conservarem a unidade do povo Carolíngio conquistada por Carlos Magno. Todavia, além dos conflitos fratricidas, parte do território passa a enfrentar novas ondas de migrações nômades, acelerando, desse modo, o fim do Império.

É, pois, neste cenário conflituoso que Dhuoda escreve ao seu primogênito, recomendando-lhe, como nobre, ser fiel a Deus, ao seu rei Carlos e ao seu pai. Seu pai, Bernardo, duque de Septmanía, estava sendo acusado de traição, correndo sérios riscos de condenação, Dhuoda temia que acontecesse o mesmo com Guilherme. Exatamente por isso grande parte do seu livro esta dedicada a ensinar os valores morais e éticos da fidelidade, estimular seu filho a desenvolver virtudes que permitam conviver com todos. Nesse sentido, o livro de Dhuoda é um perfeito *Manual* de conduta necessária à formação de um nobre. O medievalista Franco Cardini destaca sua importância.

Potrebbe sembrare l'avvio di uno qualunque dei tanti *Specula principum*, i manuali ético-pedagógico restati a lungo in uso, durante tutto il Medioevo, per ammaestrare e ammainare – è arduo dire con quali risultati – i rampolli delle aristocrazie. E in un certo senso è appunto questo: anzi, è l'*Incipit* sotto forma epistolare appunto di un *Liber manualis*. Né gli manca la meditazione esegetica sulla parola *manualis*, secondo il metodo delle *Etymologiae* d'Isidoro di Siviglia. [...] All'interno dell'arco non troppo ampio della produzione <<laica>> del IX secolo – tale in quanto scritta da e per laici –, il *Liber manualis* dedicato da Dhuoda al figlio Guglielmo di Settimania [...] si distingue in quanto scritto da una donna – di rango principesco, certo; ma donna – e soprattutto, in quanto dedicato da una madre angosciata a un figlio lontano freddamente e ruvidamente strappatole (CARDINI, 2001, p. 41-42).

Cardini chama-nos a atenção para a importância do *Manual*. Para ele, além das características educativas que o livro, em si, representa, pois trata-se de uma mãe empenhada na formação moral e ética de seu filho, o mesmo possui um valor histórico inquestionável. Em primeiro lugar, é uma literatura laica no seio da Alta Idade Média, marcada pelos escritos eclesiásticos. Não bastasse isso, é uma mãe, uma mulher, que se dedica a educar seu filho distante por meio de seus escritos. Portanto, não é apenas um laico que escreve, fato que já seria algo original para o século IX, mas uma mulher que se propõe a educar seu filho, usando da escrita como instrumento pedagógico.

Ressaltemos uma questão importante, sob este aspecto: as diferenças entre as duas fontes, ora utilizadas. O *Manual* se diferencia do *Diálogo* por ser um documento escrito; o *Diálogo*, ainda que escrito, é uma disputa. Trata-se, portanto, de uma ‘aula’. O *Diálogo* foi travado por um eclesiástico na escola palaciana de Carlos Magno; o *Manual*, por seu turno, foi redigido por uma mãe solitária em seu castelo. Dhuoda preocupa-se em educar seu filho dentro dos princípios aristocráticos de seu tempo para o mesmo se mantenha vivo e conserve sua linhagem e propriedade, uma vez que estas se encontram ameaçadas. Alcuino dedica-se à formação do príncipe, ou seja, daquele que assumiria o governo do povo carolíngio. Os caminhos que estes dois mestres escolhem se assemelham, pois ambos educam dentro dos princípios cristãos e pretendem atingir os mesmos objetivos: formar um líder que possua moral e ética capaz de conservarem suas linhagens, seus bens e, acima de tudo, manterem-se vivos.

Eis alguns aspectos da educação que Dhuoda apresenta a Guilherme. A mãe chama a atenção do filho para que conserve consigo as virtudes essenciais para a vida em sociedade e estas virtudes precisam estar vinculadas à religião

El cuaternario alude al [numero] IIII, o a los cuatro elementos del cuerpo que hay mantener, o sea, el calor, el frío, lo húmedo y lo seco; o bien sea para guardar las cuatro virtudes, es decir, la justicia, fortaleza, prudencia y templanza; o a los llamados cuatro evangelios; o bien para abarcar y custodiar las cuatro partes del mundo, es decir, el oriente, el occidente, el norte y el sur. El tenorio también se refiere a la perfección del número tres, que es interpretada en su más alta expresión como la Padre, el Hijo y el Espíritu Santo; o también a estos tres dones: el pensamiento limpio, la palabra santa y la acción perfecta y todo cuanto proviene de Aquel que llamamos Dios. Igualmente el número dos alude a dos [formas] de vida: la activa e la contemplativa, o también a dos facultades: la capacidad de entender y la de obrar, [...] (DHUODA, 1995, p. 67).

Essa passagem do *Manual* espelha a maneira como Dhuoda educa seu filho. Ela mescla os saberes e figuras da religião cristã com os valores éticos, morais e demais conhecimentos que pretende incutir no filho. Para discutir as virtudes platônicas da justiça, temperança, fortaleza e prudência, ela utiliza como exemplos os sentidos corpóreos como o calor, o frio, seco e úmido, ou, ainda, as partes do mundo, usando para isso o número quatro (4). Para falar da necessidade de Guilherme ter sempre em mente o pensamento reto, suas práticas serem as mais perfeitas e as palavras bem ponderadas, usa o número três (3) porque ele representa a perfeição da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Na verdade, a autora pretende que seu filho conheça os elementos da matemática, pratique comportamentos virtuosos e ponderados e, acima de tudo, os relacione sempre com a religião. Essa prática pedagógica está presente ao longo do *Manual*. Seu conteúdo encontra-se amalgamado aos saberes do conhecimento, das práticas virtuosas e da religião.

A autora explicita essa intenção e pede ao filho que veja seu livro como um espelho para o qual deve olhar todos os dias. Ele deve ser um exemplo a ser seguido e usado para educar o irmão. Essa idéia é muito importante porque nas palavras de Dhuoda existe uma preocupação constante com as atitudes de seu primogênito.

¿Y qué más? [...] y si te faltare algún día, lo que sucederá, tendrás este pequeño libro de moral, como imagen en un espejo, para que puedas verme siempre al leer con los ojos de la mente y del cuerpo, e intercediendo junto a Dios; y para que puedas encontrar e plenitud lo que de mí debes obtener. [...] Estas palabras que te dirijo, léelas,

compréndelas, ponlas en obra, y cuando tu hermano pequeño, del que ahora ignoro su nombre, haya recebido la gracia del bautismo en Cristo, no te disguste nunca el iniciarlo, educarlo, amarlo e incitarlo a obrar el bien en lo mejor; y este pequeño volumen, este Manual, elaborado por mí y escrito en tu nombre, cuando [a tu hermano] le llegue el tiempo de hablar y leer, muéstraselo y estimúlase en su lectura, pues él es carne y hermano tuyo (DHUODA, 1995, p. 71).

Além de demonstrar a importância de seu escrito para a formação de Guilherme, aconselha-o a tê-lo sempre consigo para nunca se esquecer de nele mirar-se. Todavia, na passagem citada Dhuoda revela uma preocupação grande com o destino de sua família. Se Bernardo (marido) for condenado, muito provavelmente ela também o será e com isso seu filho menor ficará a cargo de Guilherme e a mãe quer assegurar que ele cuidará do irmão e lhe ensinará os mesmos princípios com os quais Dhuoda o está educando.

As práticas formativas de Dhuoda ficam evidentes em todos os momentos do *Manual*. Contudo, os conselhos sobre a necessidade de Guilherme ser fiel ocupam espaço central em seus conselhos. A preocupação com a fidelidade do primogênito atinge um amplo universo: deve ser fiel a Igreja, ao rei, ao pai, a família, aos amigos, aos superiores e aos inferiores. Em suma, Guilherme deve ser fiel com quem se relacionar, especialmente ser fiel ao seu pai e ao seu rei “[...] y entonces, en el nombre del Señor que todo lo supera, ve a cumplir tu servicio temporal, bien sea a lo que te manda tu señor y padre Bernardo, o lo que te indique hacer el príncipe Carlos, si está permitido por Deus” (DHUODA, 1995, p. 79). Mais adiante enfatiza ainda mais, a necessidade de fidelidade ao rei.

1. Tienes a Carlos como señor, porque Dios, como creo, y tu padre Bernardo lo han elegido, para que tú le sirvas ya desde los primeros años de tu juventud con todas las fuerzas; ten en cuenta que has salido de una familia elevada y noble por ambos los padres; no le sirvas sólo por ser agradable a tus ojos, sino también conforme a tu inteligencia, tanto mediante el cuerpo como mediante el alma; guárdale en todo acontecimiento una fidelidad provechosa, leal y segura. (DHUODA, 1995, p. 86-87).

Dhuoda pede ao filho que respeite sempre Carlos, que lhe tenha total fidelidade, pois deste comportamento depende sua existência moral e física. Ressalta ainda estar em suas mãos, ou seja, no seu comportamento, a conservação da linhagem e dos bens da sua família. Ela tem plena consciência das tempestades políticas que assolavam a dinastia Carolíngia e sabe que Carlos, o Calvo, só manteria vivos os que tinham sua total confiança. Ensinar a Guilherme ser fiel, virtuoso, devoto é manter-se a si e a sua família viva. Não podemos nos esquecer que os laços de fidelidade que Dhuoda tanto pede ao primogênito constituem a base das novas relações sociais que estavam surgindo em virtude da crise do próprio governo carolíngio, ou seja, o sistema feudal<sup>7</sup>. Desse modo, por conhecer a situação política de seu momento é que Dhuoda exorta seu filho a assumir os comportamentos que os novos tempos estavam pedindo. Pede-lhe, então, que mais ouvisse do que falasse e observasse bem o comportamento dos conselheiros do rei, pois eram deles que saía a maior parte das decisões do

---

<sup>7</sup> O nascimento do sistema feudal é um dos acontecimentos mais complexos que o Ocidente medieval conheceu, todavia, como não é objeto de nossa discussão não entraremos no debate. Recomenda-se as leituras de Duby, G. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo* e de GUERREAU, A. *O Feudalismo: um horizonte teórico*.

mesmo. Aconselha-o a não ser arrogante com os mais fracos e nem com os mais fortes. Enfim, prepara-o não só para viver na corte, mas, principalmente, analisar o comportamento daqueles com os quais convive e dos quais dependia sua existência. Ensinar o conhecimento das artes<sup>8</sup>, a religião e os valores morais e éticos e, acima de tudo, a fazer da fidelidade seu modo de vida, foi a maneira encontrada por Dhuoda para educar seu filho nesse momento conturbado da Alta Idade Média.

Após analisarmos a educação nas duas fontes impressas, examinaremos a imagem de Lotário como recurso educativo do povo em geral.

Em primeiro lugar, observamos que a imagem na Idade Média constitui um importante recurso pedagógico. Gregório Magno, o bispo mais importante do século VI, observa que diante de um povo ágrafo como eram os nômades, a imagem desempenhava a função de educar. Enfim, o que eles não podiam compreender pela leitura, assimilavam pela imagem. Daí a importância dos vitrais nas Igrejas, das imagens dos santos. Todavia, na Idade Média, não se pode falar somente de imagem material, pois os homens medievos, em virtude do próprio caráter religioso, desenvolveram, em grande medida, as imagens mentais.

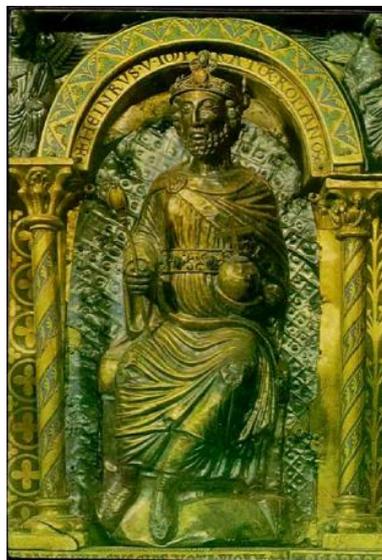


Imagem 1

L'image en question n'est donc que l'équivalent sensible d'une réalité incorporelle. [...] La substance des corps consiste en matière, mouvement et forme, mais celle de Dieu n'a ni matière, ni mouvement, de sorte qu'elle est forme pure. Il s'ensuit qu'on ne peut penser la divinité à l'aide de l'imagination: elle est une vraie forme et non pas une image. Tout être possède une forme et se nomme selon cette forme, non pas selon sa matière: on ne désigne pas comme «airain» la statue d'un être animé. Etant forme sans matière, la substance divine est une et elle est ce qu'elle est, [...] chacune tient son être des choses qui la composent, c'est-à-dire de ses parties. L'homme, par exemple, se compose d'un corps et d'une âme. Seul ce qui ne consiste pas en ceci et cela, mais est ceci uniquement, est vraiment ce qu'il est; une pure forme qui ne peut être sujette (WIRTH, 1989, p. 80).

São essas imagens mentais presentes nas obras de Boécio, conforme Wirth destaca, que fazem com os homens da Alta Idade Média consigam compreender imagetivamente, as representações sagradas. É, portanto, no nível do mental que o homem vê a imagem de Deus e se converte, ou se submete, às 'leis' da Igreja cristã.

A imagem de Lotário atinge os dois campos, o mental e o material. A imponência com que Lotário é representado expressa, sem dúvida, todo seu poder. O rei encontra-se sentado no trono, com o olhar distante e para o alto, ou seja, olha para o conjunto do seu Império, vê tudo, comanda a todos. Seu corpo expressa poder, possui barba, que para os nômades simbolizava não só masculinidade, mas também a força física que somente os homens possuíam. Dessa força emana a proteção aos

<sup>8</sup> Referimos-nos as artes contidas no Trivium e no Quadrivium.

fracos e representa ameaça aos fortes. Em suas mãos vemos o cetro e uma esfera encimada por uma cruz. Ela revela que a terra é governada pelos dois gládios e que os homens (pobres ou nobres) precisam respeitar e se submeter a eles. Os seus pés, muito bem postados ao chão, expressam a segurança do reino. Em suma, a imagem de Lotário, no campo material, é extremamente educativa por expressar o domínio e, ao mesmo tempo, a proteção que o rei exerce sobre seus súditos. No campo mental também educa, pois os súditos vêem nele, simbolicamente, os dois poderes que regem suas vidas cotidianas: o poder laico e o eclesiástico. Desse modo, a imagem desempenha uma função educativa mais abrangente que as duas primeiras fontes por atuar sobre a população em geral. Todos que contemplam a imagem enxergam nela os dois poderes que o protegem e ao mesmo tempo os governam.

Ao demonstrar a importância da imagem como recurso educativo ao povo e, retomando as duas fontes anteriormente analisadas, queremos destacar o fato de que a história da educação na Idade Média foi muito rica e diversa. Os intelectuais daquele tempo procuraram, com os instrumentos disponíveis, instruir e formar as pessoas para viver em sociedade. Aos nobres buscaram emitir valores morais e éticos para se tornarem líderes de seu povo. Ao povo procuraram ensinar, por meio de imagens a entender as leis e a forma como as relações se processavam na sociedade. A nosso ver, esse estudo permite nos aprender um pouco acerca da história e de como os processos educativos ocorrem no nosso agir cotidiano, independente do tempo histórico. Em suma, onde houver homens, existirá sempre processos educativos em curso.

## REFERÊNCIAS

- ADMONITIO GENERALIS. *Monvmenta Germanie Historica. Capitularia Regvm Francorum*. Hannoverae, 1883, p. 52-62. In: VITORETTI, R. A. **Carlos Magno e as propostas de reforma social e educacional**. Maringá, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004. p. 136-150 (Anexo).
- AGOSTINHO. *De Magistro*. São Paulo: Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- ALCUIN. **Disputatio de rhetorica et de virtutibus sapientissimi regis Karli et Albin magistri**. Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/alcuin/rhetorica.shtml>>. Acesso em: 20 maio 2007. Tradução de Aluysio Favaro.
- ALCUINO. O diálogo entre Pepino e Alcuino. In: LAUAND, J. **Educação, teatro e matemáticas medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 79-88.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARDINI, F. Dhuoda, la Madre. In: BERTINI, F.; CARDINI, F.; BROCCHERI, M. T. F.; LONARDI, C. **Medioevo al femminile**. 3. ed. Roma-Bari: Editori Laterza, 2001. p. 40-95.
- DHUODA. **La Educación Cristiana de mi hijo**. Pamplona: Eunate, 1995.
- DUBY, G.; LACLOTE, M. **História artística da Europa: a Idade Média**. S. Paulo: Paz e Terra, 1997. Tomo I.
- FAVIER, J. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- GUIZOT, F. **Historia da civilização na Europa**. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Editores, 1907.
- ISIDORO DE SEVILHA. As Etimologias. In: LAUAND, J. **Cultura e Educação na Idade Média: textos do século V ao XIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.
- JURAMENTOS DE ESTRASBURGO. In: MAGNE, A. **O mais antigo documento de Língua Francesa**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 35-66.
- LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2005.
- OLIVEIRA, T. **Guizot e a Idade Média: civilização e lutas políticas**. 1997. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Assis, 1997.
- POLÍBIOS. **História**. Brasília: UnB, 1985.
- WIRTH, J. **L'image médiévale: naissance et développements (VI – XV)**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1989.
- MAPA 1: [http://www.lib.utexas.edu/maps/historical/europe\\_814\\_colbeck.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/historical/europe_814_colbeck.jpg) Acesso em: 26 fev. 2008.
- MAPA 2: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/77/Western\\_empire\\_verdun\\_843.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/77/Western_empire_verdun_843.png). Acesso em: 9 mar. 2008.
- Imagem (1) Cofre-relicário de Carlos Magno. Prata dourado. Realizado por volta de 1200 por ordem do Imperador Frederico Barba-Ruiva. In: FAVIER, J. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 293.

Recebido para publicação em 21-01-09; aceito em 12-02-09